



EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

Sala da Nora - Castelo Branco | Sala de Exposições - Pampilhosa da Serra | Salão de Arte e Cultura - Covilhã | Museu Sebastião da Gama - Azeitão | Igreja da Misericórdia - Silves | Salão de Exposições - Alvor | Galeria Pintor Samora Barros - Albufeira | Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos - Lisboa | Salão dos Antigos Paços do Concelho - Belmonte | Galeria de Arte do Casino de Lisboa | Galeria de Arte Praça do Mar - Quarteira | Salão dos Paços do Concelho de Penamacor | Centro Hospitalar da Beira Interior - Covilhã | Biblioteca Municipal de Ponte de Sôr | Biblioteca Municipal "José Cardoso Pires" - Vila de Rei | Salão de Exposições do Posto de Turismo de Almeida | Museu Municipal do Sabugal | Convento de S. José - Lagoa | Sala de Exposições da Casa dos Magistrados da Covilhã | Forum Romeu Correia - Almada | Galeria Comendador João Martins - Proença-a-Nova | Casa das Artes e Cultura - V. Velha de Ródão

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

Feira de Artes da C.M.de Almeida | Feira Internacional Arte Algarve - Loulé | Feira Internacional Arte Algarve - Ferragudo | Galeria de Stº. António - Monchique | Feira Arte Viva - S. Brás de Alportel | Galeria de Arte do Casino do Estoril | Galeria Arte Algarve - Lagoa



www.cm-fundao.pt

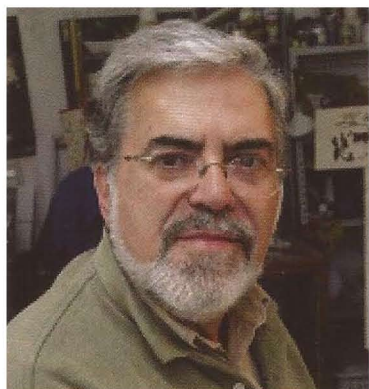
fundão
365 dias à descoberta



EXPOSIÇÃO DE JOSÉ FREIRE

**OUTRA ARTE
EM AZULEJO ALICATADO**

9 FEV A 31 MAR - A MOAGEM



JOSÉ FREIRE

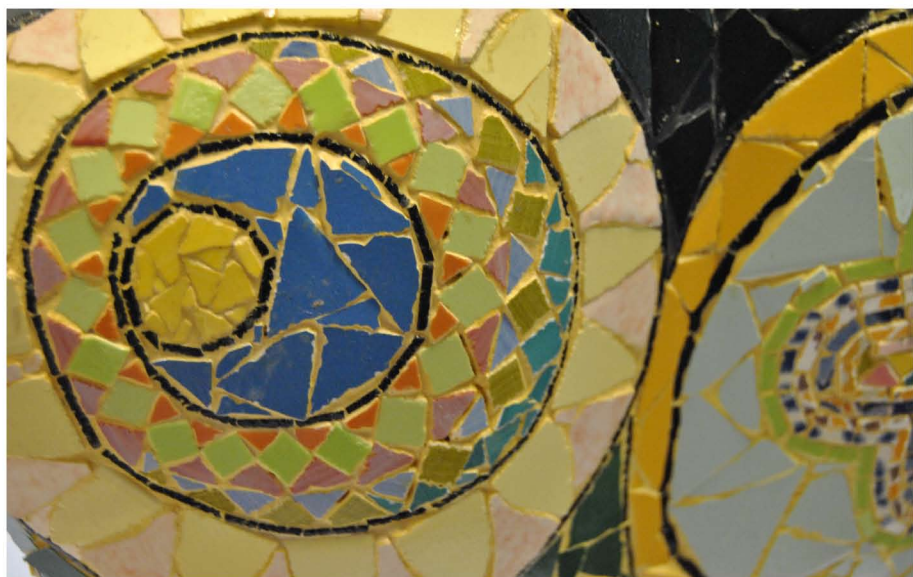
Nasceu em 1946 no Fundão, concluiu o curso geral dos liceus e, paralelamente com a sua atividade profissional como bancário, faz o seu percurso artístico através de uma intensa observação dos materiais e formas de trabalhar o azulejo.

Apaixonado pela arte do mosaico e pela azulejaria, percorreu vários pontos do país e da Europa, preocupando-se sempre em conhecer as técnicas e obras dos grandes mestres deste tipo de arte.

Quis fazer algo de inovador e diferente, iniciou há mais de 20 anos, como autodidata, a sua própria forma de trabalhar os materiais, criando e recriando com pedaços de azulejos, variados tipos de quadros, painéis e de peças tridimensionais decorativas, constituindo uma genuína e peculiar arte de esculpir o azulejo.

Inspira-se na arte do mosaico, nas várias correntes da azulejaria e na técnica “alicatado” (em voga nos séculos XVI e XVII) para exprimir a sua arte.

Das obras, que trabalha exclusivamente com pedaços de azulejo (sem utilização de quaisquer tintas), destacam-se a recriação de pinturas e desenhos de artistas célebres, a par da execução das suas próprias peças.



“AZULEJO ALICATADO”

Desde há mais de cinco séculos que a azulejaria ocupa uma posição de relevo entre as artes decorativas portuguesas e, apesar de ao longo da sua história ter sofrido múltiplas influências, em Portugal essas influências caracterizaram-se pela riqueza cromática, a monumentalidade, o sentido cenográfico e a sua integração na arquitetura.

Foi durante a ocupação árabe que os povos ibéricos tomaram conhecimento da cerâmica mural, através da utilização de placas de barro cobertas de vidro colorido e uniforme.

Dentre as várias formas e técnicas de trabalhar estas placas, que cortadas em fragmentos mais ou menos geométricos eram recombinados em belos painéis decorativos, uma delas utilizava essencialmente o alicate.

Esta forma de cortar e trabalhar o azulejo com alicate, foi desenvolvida e implementada pelos Mouros na Península Ibérica e, esteve em voga durante os séculos XVI e XVII.

Assim, é nos finais do século XVI, que aparecem em Portugal os primeiros painéis (embutidos em tetos e paredes) de composições mais ou menos geométricas combinadas em xadrez e em outras formas mais ou menos complexas, que, pela forma de apresentação eram conhecidos como “azulejos de caixilho”.

Este tipo de azulejaria, trabalhado com aturada minúcia e que na sua constituição é bastante semelhante ao mosaico greco-romano, era aplicada quer em painéis, pavimentos e tetos de palácios, quer em murais de igrejas, conventos e outros locais nobres.

Todavia, não obstante a extraordinária beleza deste tipo de painéis decorativos, a morosidade da sua execução face à enorme procura fez aparecer o azulejo atual, mais ou menos industrial, acabando por ser abandonadas as várias formas e técnicas de trabalhar o azulejo, entre elas a técnica “alicatado”.

No entanto, e apesar de há muito se ter deixado de utilizar esta técnica, o autor da presente exposição, com a utilização dos variados tipos de ferramentas atualmente existentes, tendo como matéria prima o azulejo, e sem recorrer à utilização de quaisquer tipo de tintas, está empenhado em recriar e divulgar esta sua genuína forma de trabalhar o azulejo, procurando ir ao encontro de “Outra de Arte”.